



## Carlos e Eugênio Luiz Mauro Cirurgia e Humanismo

Duílio Crispim Farina

Pres. Academia Paulista de História e membro da  
Academia Paulista de Letras

Após um longo ciclo de operosidade, acaba de desaparecer das jornadas terrenas um ilustre escultor, marcante figura deste último meio século, o doutor professor **Eugênio Luiz Mauro**.

Em 1895, chegava da velha e gloriosa Itália seu progenitor Dr. **Carlo Mauro** (1873/1938), formado em Medicina pela Universidade de Roma, dois anos antes. No Rio de Janeiro, habilita-se para o exercício da profissão médica em nossa pátria, com a tese "Cardiopathias Syphiliticas". Fixado em Ribeirão Preto-SP, então no auge de epidemia da febre amarela, vai consagrar-se pela benevolência e vastos cabedais científicos. Rubião Meira em seu livro "Médico de outrora" recordou sua figura destacada e sua ação sempre enérgica. São Paulo, a partir de 1906, assiste a seus desvelos, junto a um luzeiro de valores como Carini, Splendore, Haberfeld, Bovero. Integra-se na sociedade paulopolitana, e em 1924 será um dos mais intrépidos na assistência às vítimas da revolução de Dias Lopes. Casa-se com a sempre amantíssima e devotada companheira dona Claudina Borges Mauro, desse enlace nascendo o nosso eminente Eugênio Luiz Mauro.

Carlo Mauro, ao lado de Franco da Rocha e Pacheco e Silva, almas generosas, vai localizar Prociópio Bielik na Colônia Mallet, no Paraná, onde este prestava cuidados médicos aos seus conterrâneos russo-brancos. O empenho pessoal dessas três figuras de escol e os agasalhos decorrentes permitiram a integração do ilustre médico, mais tarde figura amada na Cadeira de Anatomia da Escola de Medicina de São Paulo. É triste, mesmo patética a crônica desses instantes. Na frente oriental da Europa, durante a Primeira Grande Guerra, um jovem oficial, médico russo, tomou papel saliente na retirada dos exércitos imperiais do Czar acimados pelas tropas de Hindenburg e Ludendorff. Responsável, durante a retirada, pela assistência aos feridos, determinou a parada de um comboio para, prioritariamente, evacuar seus soldados, tendo de reter o trem, mesmo sabendo que nele viajava a irmã do monarca grã-duquesa de todas as Rússias.

Submetido a Conselho de Guerra por tal ordem, acabou absolvido. O desmantelo da frente russa e mais a revolução bolchevista levaram o pânico, a miséria e a desolação ao já sofrido povo do leste

europeu.

Prociópio Bielik, preso pelos vermelhos, mais uma vez enfrenta o julgamento marcial, agora por ser oficial médico do exército branco. É condenado e submetido a torturas morais de toda sorte. Levado a enfrentar o pelotão de fuzilamento, os algozes se comprazem em atirar com tiros de festim. A cena se repete diariamente. Mal alimentado, insone, sobrevém, com a diminuição de resistência, uma amnésia.

Com um companheiro de infeluz destino consegue fugir para Viena. Lá são socorridos por um padre da Igreja Ortodoxa, que os agasalha. Condoído pela trágica penúria de ambos, fornece-lhes uma importância em dinheiro que reservara para a construção de um mausoléu em honra de pessoa que acabara de morrer em odor de santidade.

A solidariedade do clérigo valeu-lhes para que chegassem ao Brasil. Alguns anos mais tarde uma comissão de identificação de refugiados, como já se referiu, identifica Bielik no Paraná.

Levado para São Paulo, passa a obter tratamento conveniente em Juqueri-SP, onde os mestres Francisco Franco da Rocha e Antônio Carlos Pacheco e Silva, com apoio desvelado, conseguem melhorias rápidas e, por empenho pessoal de ambos, é trazido para o Hospital Matarazzo, recebido também pela dedicação e carinho do Dr. Carlo Mauro (1).

Alfonso Bovero, amigo de Mauro, leva Bielik para a Faculdade de Medicina de São Paulo, onde é feito preparador da cadeira de Anatomia, e mais tarde assistente do glorioso e tradicional Departamento. Plenamente feito, ao lado de Max de Barros Erhart, Odorico Machado de Souza, Olavo Marccondes Calazans, Renato Locchi, o bondoso e heróico Prociópio Bielik fará parte daquela plêiade extraordinária de docentes, que, conduzidos por Bovero, estruturaram a

Escola Anatômica da casa de Arnaldo, marco invulgar da ciência em nosso país. Parolari, Caparelli, Liberato di Dio, Eros Abrantes Erhart, Gerson Novah, pelos anos vindouros não de continuar os feitos e realizações, jamais justamente decantados.

Bielik, amigo dos estudantes, guia e orientador, com inefável dedicação, conquistou gerações e gerações de estudantes; e Carlo Mauro, com o seu acolhimento e terno coração, permitiu a cura e a integração do grande médico.

Eugênio Mauro

Mestre de Anatomia e Beletrista

Os alunos do primeiro ano médico, em 1942, da Casa de Arnaldo, tomaram contato com Eugênio Luiz Mauro, assistente da cadeira de Anatomia, então regida por Renato Locchi, emérito continuador de Bovero. Entre suas lembranças destacam-se as aulas de Mauro, fixadas pela maneira sutil, ordenada e elegante como eram proferidas. Mas o que mais as distinguiam eram os desenhos artísticos de peças, ossos e cartilagens que Mauro, elucidando-as, com um simples volteio de giz, fazia surgir no quadro negro, em pequenas jóias d'arte. Antes de anatomista, sobressaía o artista e o poeta.

Por isso, nada mais justo que a apresentação com que a editora Anhembi anunciou, por ocasião de seu *aparcer*, do seu estudo "Anatomia na obra do Aleijadinho". "Eugênio Luiz Mauro, antes de ser anatomista, é um poeta, um artista sutil, um cultor da forma, um disseccador de conteúdos, um conferencista versátil, um expositor de matéria científica, tanto quanto de temas artísticos."

Seu lúcido trabalho de análise da anatomia, na obra de Antônio Lisboa, é complementado pela interpretação da figura e estudo da época em que viveu o excepcional artífice de Minas Gerais. Mauro escreveu: "é possível então sentir, na emotividade à flor da pele de sua

obra, a timidez do mestiço, a amargura do exilado, o desalento do colonial, mas acima de tudo, e principalmente, a angústia do pária. Mesmo sem misticismo, que por força de circunstância vai poder ser avaliado e julgado, através de toda a sua obra, é um misticismo perpassado da sensação de inferioridade. Percebe-se que o Aleijadinho não se aproxima dos santos com a serena submissão de um beato angélico ajoelhado, por exemplo, mas com o desalento de quem está à beira, já vencido, do inacessível".

"Mas na estranha e inesperada identidade que se estabelece entre a violência por vezes áspera, por vezes selvagem, dos profetas, e o gênio aberto do escultor, eclode súbita e viva uma força integral, capaz de vencer o hiato dos milênios, do espaço, da raça e da cultura. Em nenhum escultor, mesmo de técnica mais aprimorada e mais culta, se encontram figuras tão expressivas e integrais, figuras que tão de perto se coadunam com a imagem complexa que se formou, dentro de nossa sensibilidade, daqueles seres lendários, de lendária força moral, que acometeram terríveis, através dos séculos. Os profetas, que tão pouco ou tão inexpressivamente falavam aos homens da Renascença, se erguem, se erguem em toda a integridade, genuínos e sem adulterações, na Bíblia de pedra-sabão. E são quase estridentes, quase paradoxais ao sol manso e na mansa paisagem de Minas Gerais."

Frases do intensa força descritiva, dignas de permanecerem ao lado dos exórdios lapidares de Germain Bazin, Lounval Gomes Machado, Mário de Andrade, lúcidos situadores do gênio escultor das Gerais.

O crítico de arte também foi completado pelo homem sensível, receptivo, pelo poeta romanesco e vibrátil.

"Este mesmo céu azul, de uma

limpeza que é quase uma inocência, este mesmo ar fino, parado, mas sem peso, são o céu e o ar de Ouro Preto, Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Albuquerque, o céu e o ar das Minas Gerais. E a mesma tristeza, sem arroubos de cólera, a mesma melancolia, sem protesto, do exílio e da mestiçagem se repetem."

Poucos estudiosos souberam sentir tão exatamente os dramas emocionais, os conflitos de situação, e a luta pela integração social de Antônio Francisco Lisboa, como o Dr. Eugênio Luiz Mauro.

"Poderíamos resumir tudo, talvez dizendo que o Aleijadinho foi um médico escultor barroco e um genial escultor primitivo. Mas seria isso verdade? De tantas complexas coisas é feito um artista, que nós sentimos a limitação e injustiça de qualquer definição. Não é possível escrever e discutir detalhes técnicos. É preciso sentir no ambiente onde cresceu e viveu, de Sabará e Congonhas do Campo, de Mariana à Vila Rica de Ouro Preto, o fenômeno Aleijadinho. No Cancioneiro da Inconfidência que Cecília Meireles escreveu, nestes mesmos lugares se lê:

Já se ouve cantar o negro  
Que saudades, pela serra?  
Os corpos naquelas águas  
As almas por longe terra  
Em cada vida de escravo,  
Que surda, perdida guerra!  
"Em cada vida de escravo, que surda, perdida guerra... Por ser escravo também, embora fosse, ao nascer na herança da mãe negra, na herança do pai lusitano e arabizante expatriado para as terras longínquas do Brasil, o Aleijadinho canta o seu canto de pedra-sabão. E quanto mais luta e se desespera, mais sua guerra, pequenina e gigantesca está perdida."

Eugênio Luiz Mauro, ao deter-se sobre a mais alta figura da arte colonial brasileira, e escrever sobre o gênio formidável das Alterosas, teve seu nome inscrito entre aqueles que mais alto subiram, com preciosos estudos e belas apreciações, panegíricos feitos ao imortal Aleijadinho.

Perfeito didata, com elevados dotes para o professorado universitário, cirurgião ao exímio, médico na mais alta acepção do termo, lha-no, cordato, figura diferenciada na sociedade de seus pares, pleno de humanismo, artista, com obra variada e meritória, Eugênio Luiz Mauro deixou um clarão no seu empós, luminosidade de ciência e cultura. Respeito e profunda admiração. Sempiterna presença.

# Participação da Faculdade de Medicina na implantação da Universidade de São Paulo

CARLOS DA SILVA LACAZ\*  
BERTA RICARDO DE MAZIERI\*

Com a posse a 6 de junho de 1934, no salão nobre da Congregação da Faculdade de Medicina, do primeiro Reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Reynaldo Porchat, concretizava-se a luta pela instalação de uma universidade em São Paulo e início de uma nova mentalidade cultural em nosso meio. Seu horizonte, desenhado pela contribuição ativa da intelectualidade paulista, busca a revitalização do saber exigido pelo momento básico.

Concorreram com o seu ideal, Júlio de Mesquita Filho, liberal, consciente da importância da universalidade do conhecimento, e Armando de Salles Oliveira, cunhado e companheiro de lutas, Interventor Federal que, por meio do Decreto Estadual nº 6.283 de 25 de janeiro de 1934, criou a Universidade de São Paulo, tornando real a transformação dos quadros formais que há muitos anos o Brasil enfrentava na área educacional, reforçando o papel de São Paulo como disseminadora da cultura.

Na implantação da Universidade de São Paulo, uma postura participativa foi fundamental. Desde as escolas superiores tradicionais, Escola Politécnica, fundada em 1893, Faculdade de Direito, 1894, Faculdade de Farmácia e Odontologia, 1899, Escola Agrícola Luiz de Queiróz, 1901, Faculdade de Medicina, 1912, Escola de Medicina e Veterinária, 1928, aos intelectuais das diversas áreas e órgãos representativos da sociedade civil.

A adaptação e integração da Faculdade de Medicina à nova dinâmica cultural podem ser percebidas na instalação de algumas áreas dos

cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em suas dependências, onde permaneceram até 1937 e na atuação pioneira de seus professores e ex-alunos, extra muros, somando esforços, alargando conhecimentos e projetando no cenário internacional o resultado deste fazer científico.

Raul Carlos Briquet, "a universidade consubstancia a cultura da nação", do Conselho Universitário em 1934; Ernesto de Souza Campos, "só por meio dessas grandes oficinas intelectuais seria possível aperfeiçoar o nosso ensino", da Comissão de Planejamento da Cidade Universitária; Antonio de Almeida Prado, "a principal missão do ensino universitário é prover o país de uma reserva de homens de cultura e pensamento", segundo Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Reitor da USP e tantos outros, em exercício, onde o que se afez não está no caráter único de cada personagem, mas no conteúdo final da ação conjunta desenvolvida.

A Faculdade de Medicina, mediante a expansão do ensino e da pesquisa, da criação e da visão crítica deste

tempo social, possibilitou o aparecimento de especialistas, com conseqüente abertura de espaços de vivência científica. Destacaram-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, André Dreyfus, assistente de Histologia da "Casa de Arnaldo", pioneiro nos estudos de Genética em nosso meio, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Paulo Sawaya, Discípulo de Ernest Bresslau e Professor de Fisiologia Comparada; Jamil Almansur Haddad, Professor livre-docente de Literatura Brasileira; Cícero Christiano de Souza, docente em Filosofia, livre docente em Psicologia Educacional.

A Paulo Sawaya deve-se, ainda, a criação do Laboratório de Biologia Marinha em São Sebastião, hoje Instituto de Biologia Marinha. Ted e Verônica Eston fundaram o Centro de Medicina Nuclear; Rômulo Ribeiro Pieroni, um dos fundadores do Instituto de Energia Atômica; Walter Colli, Diretor do Instituto de Química; Benedicto Montenegro, membro do primeiro Conselho Universitário, Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia, com decisiva atuação na criação

da Escola de Enfermagem; Geraldo Horácio de Paula Souza, fundador do Instituto de Higiene, hoje Faculdade de Saúde Pública; Luiz M. de Rezende Puech, autor do projeto arquitetônico do Hospital das Clínicas; Euryclides de Jesus Zerbini e Luiz Venere Décourt, fundadores do INCOR; Carlos da Silva Lacaz, fundador do Instituto de Medicina Tropical; Eduardo Marcondes, fundador do Instituto da Criança e o principal artífice na implantação do H. U. (Hospital Universitário); Antonio Carlos Pacheco e Silva, fundador do Instituto de Psiquiatria; Zeferino Vaz, diplomado em 1931 fundou em 1948 a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, implantando também a UNICAMP; Francisco Elias de Godoy Moreira, criador do Instituto de Ortopedia; Paulo de Toledo Artigas, primeiro Diretor do Instituto de Ciências Biomédicas, Diretor da Faculdade de Odontologia de Bauru e um dos fundadores do Hospital de Reabilitação daquela cidade, e muitos outros em muitos outros espaços, onde se pode ler o significado deste espírito universitário e sua contribuição ao pensamento contemporâneo.

O resgate e releitura da atuação da Faculdade de Medicina neste processo de construção, os desafios do cotidiano, a integração a uma nova ordem do saber, poderá ser melhor analisada pela experiência de vida universitária de seus formados, herança cultural enraizada na definição da ciência brasileira.

\* Professor emérito da Faculdade de Medicina e Diretor do Museu Histórico.  
\* Museóloga do Museu Histórico da Faculdade de Medicina.

**Resultados dos concursos nas várias modalidades literárias ocorridos por ocasião do XV Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES) de 18 a 20 de maio de 1994 na cidade de São Paulo.**

#### Poemas:

- 1º Carlos A. P. Rosa (SP)
- 2º Bernardo O. Martins (SP)
- 3º Luiz Gondim A. Lins (RJ)
- 3º Antonio Salomão (PR)
- 5º Walter W. Harris (SP)

#### Versos Livres:

- 1º Luiz F. Borroul (SP)
- 2º Vera L. Teixeira (SP)
- 3º Carlos A. P. Rosa (SP)
- 4º Adalberto Bello (PE)
- 5º Itérbio G. Aldrighi (RJ)

#### Crônicas:

- 1º Itérbio G. Aldrighi (RJ)
- 2º Regis C. Ferreira (SP)
- 3º Hallim Feres (SP)
- 4º Josef Tock (SP)
- 5º Carlos Luiz Campana (SP)

#### Memórias:

- 1º Carlos L. Campana (SP)
- 2º Helio Begliomini (SP)
- 3º Hallim Feres (SP)

#### Romances:

- 1º José Nivaldo (PE)
- 2º Rodolfo Civile (SP)
- 3º Walter W. Harris (SP)

#### Novela:

- 1º Luiz J. Ferreira (SP)
- 2º Flerts Nebó (SP)

#### Trovas:

- 1º José O. H. Mello (SP)
- 2º Zilda Cormack (RJ)
- 3º Antonio Salomão (PR)
- 4º Marli P. Monteiro (BA)
- 5º Bernardo O. Martins (SP)

#### Haikais:

- 1º Luiz Gondim A. Lins (RJ)
- 2º Carlos A. P. Rosa (SP)
- 3º Zilda Cormack (RJ)
- 4º Helio Begliomini (SP)

#### Contos:

- 1º Regis Cavini Ferreira (SP)
- 2º José Nivaldo (PE)
- 3º Luiz Jorge Ferreira (SP)
- 4º Coracy T. Bessa (BA)
- 5º Adalberto Bello (PE)

#### Biografias:

- 1º Carlos L. Campana (SP)
- 2º Adalberto Bello (PE)
- 3º Luiz Gondim A. Lins (RJ)
- 4º Flerts Nebó (SP)

#### Ficção:

- 1º Itérbio G. Aldrighi (RJ)
- 2º Flerts Nebó (SP)

#### Sonetos:

- 1º Antonio Salomão (PR)
- 2º Bernardo O. Martins (SP)
- 3º Luiz Gondim Lins (RJ)
- 4º Adalberto Bello (SP)

#### Limericks:

- 1º Zilda Cormack (RJ)
- 2º Walter W. Harris (SP)
- 3º Helio Begliomini (SP)

#### Fábulas:

- 1º Luiz Jorge Ferreira (SP)
- 2º Luiz Gondim Lins (RJ)
- 3º Carlos L. Campana (SP)
- 4º Josef Tock (SP)

#### Ensaios:

- 1º Josef Tock (SP)
- 2º Itérbio G. Aldrighi (RJ)
- 3º Carlos L. Campana (SP)
- 4º Carlos A. P. Rosa (RJ)
- 5º Luiz Gondim Lins (RJ)

#### Teatro:

- 1º Helmut Mataré (SP)
- 2º Djalmas M. Gonzales (SP)

# Espaço Musical

## Barbara Hendricks, uma lição de beleza

**José da Veiga Oliveira**  
Crítico de música erudita  
no Brasil

O Brasil acolheu, pela primeira vez em sua história, a soprano BARBARA HENDRICKS. Natural do Estado de Arkansas, a estadunidense bacharelou-se pela afamada "Juilliard School of Music", na classe da grande mezzosoprano Jennie Tourel. Ademais, diplomou-se pela Universidade de Nebraska, nas disciplinas científicas de Matemática e Química.

Estreou em 1976 em San Francisco, na complexa ópera de Cláudio Monteverdi "L'Incoronazione di Poppea". Alcançou gratificante êxito ao personificar Susanna, em "Le Nozze di Figaro" de

Mozart, sem aludir a muitas outras óperas, regidas por maestros de alta plana internacional. No domínio operático seria porventura fastidioso recapitular as personificações pelas quais Miss Hendricks gloriosamente manifestou sua versatilidade interpretativa, ao mesmo tempo provando que, mui longe de ser um superado gênero lírico-dramático, pelo contrário a ópera se encontra, mais do que nunca, em plena evidência na preferência das pessoas.

Dotada de musicalidade inata, técnica segura e fascinante, senso de estilo, respiração, fraseado, dinâmica, domínio perfeito do francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, latim, - é de-

veras surpreendente e decepcionante deslembrar-se da música brasileira, embora haja gravado a "Bachianas Brasileiras" nº 5, de Villa-Lobos.

Não esqueçamos que a grande artista ostenta os títulos de "Embaixatriz de Direitos Humanos" e Conselheira Especial da UNESCO, galardoada por seu nobre trabalho de solidariedade e socorro às populações carentes e martirizadas pela hedionda infâmia da guerra civil.

Hendricks chegou acompanhada pelo sueco Staffan Scheja, que se revelou exímio na difícil e requintada arte do acompanhamento pianístico.

No recital realizado no Teatro Municipal de São Paulo, a 30 de

abril de 1994, a página vestibular foi uma cantata maçônica de Mozart, seguida de um quinteto de *Lieder* de Schubert; um ciclo de melodias de Richard Strauss, seguidos de três *Lieder* avulsos do compositor de Elektra, em primeira audição nesta Capital.

Na segunda parte, a preferência foi para franceses, com o ciclo *Fançailles pour rire* de Francis Poulenc; o delicado *Les papillons* e o melancólico *Le colibri* de Chausson; *Ouvre ton coeur* e o soberbo *Les adieux de l'hôtesse arabe* de Bizet, para encerrar, de modo esplêndido, pelas cinco *Canciones negras* do catalão Xavier Montsalvatge (nascido em 1911, e não 1912, como do panfleto consta), destacando-se o

suaíssimo acalanto *Canción de cuna para dormir a un negroito*, que vai "en queue de poisson" para os excelsos dotes interpretativos de Miss Hendricks, em seu reticente, atmosférico "parlando".

A atriz/cantora foi generosa na concessão de "encores". *Après un rêve* (Fauré); *Oh, what a beautiful city* (Spiritual); *Ave Maria*, de Schubert, trouxeram-nos Ninon Vallin, Teresa Berganza, Gérard Souzay, Régine Crespin, Janet Baker, Bidu Sayão à lembrança, pela singeleza espontânea da emissão melódica, a impecável comunicatividade. A "capacity house", inebriada, reagiu triunfalmente. Autêntica lição de beleza.

É notório que a Rússia sempre ostentou alto nível no que tange a instrumentos de corda: violinos, violas, violoncelos, contrabaixos. Tanto é verdade que a "exportação" é permanente. As mais importantes organizações sinfônicas da Europa e dos Estados Unidos não prescindem em suas estantes de capacitados instrumentistas oriundos da Rússia. Até no Brasil verifica-se o fenômeno. Assim, p. ex., a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, inclui

Foi uma surpresa gratificante e inesperada o recital proporcionado aos sócios da Associação Paulista de Medicina no Auditório do Hospital Santa Catarina, em São Paulo, por um seleto grupo de jovens violinistas de Moscou, pela primeira vez no Brasil. Tocaram previamente em Americana, Tatuf, Rio Claro, São José do Rio Preto, Catanduva, Botucatu, Foz do Iguaçu, em Jacaré e São Bernardo do Campo. Nessa digressão de concertos apresentaram-se cinco jovens, na confirmação de irrepreensível padrão interpretativo, auspiciados pelo soberbo pianismo acompanhador da "concert master" Irina Monastirskaia.

De início cumpre ponderar que o violino ocupa posição eminente na vida artística russa, visto permitir a expansão integral da personalidade do intérprete, seja quando se alonga na plenitude de frases líricas, seja quando extasia, arrebatado de entusiasmos os auditórios, fazendo valer transcendentemente qualidades técnicas de pura virtuosidade. O violino é instrumento mágico por excelência. Quatro cordas, um arco, uma caixa de ressonância... O restante corre à conta do artista.

Os jovens violinistas, ao que parece, herdaram a magia de Niccolò Paganini (1782-1840), gênio supremo do virtuosismo violinístico. Creio não haver exagero se postularmos que a plêiade poderá apresentar-se sem desdouro em qualquer sofisticado auditório de "connoisseurs".

Por outra parte - reatando o fio desta digressão - conviria retroceder no tempo e na história, lembrando que a escola russa de violino deriva boa parte do seu incontestado prestígio da fabulosa personalidade de Leopold Auer (1845-1930). Húngaro de nascença, Auer em 1868 foi convocado a residir em São Petersburgo, na qualidade de solista da Orquestra Imperial e professor do recém-fundado Conservatório. Afim de início o excelso magistério que revelou a mestria de Mischa Elman, Efrém Zimbalist, Jascha Heifetz, entre outros. O Concerto em Ré maior, op. 35, de Tchaicovsky, tornou-se a composição favorita de Auer e pedra angular de sua docência. A influência desse artista estende-se aos dias de hoje.

O primeiro a tocar foi Sawa Dainovskii, no tema de uma romança do violinista e compositor belga Henri Vieuxtemps (1820-1881). O renomado virtuose espanhol Pablo de Sarasate (1844-1908), que se apresentou em São Paulo na derradeira década do século XIX, mereceu a reposição de "Malagueña" e "Romance Andaluz".

Por si, Fiodor Shebalin encarregou-se do 1º movimento da *Symphonie Espagnole* do francês Édouard Lalo (1823-1892). Não obstante toda a competência de Mme. Monastirskaia, tornou-se óbvio que o suporte orquestral é de precípuo.

Anton Savtchenko encadeou as exuberantes "Variações so-

bre um tema original" (isto é: da própria lavra) de Henryk Wieniawski (1835-1880), afamado violinista polonês. A seguir, logrou provar que o magistral bailado de Serguei Prokofiev (1891-1953) "Roméu e Julieta" nada sacrifica de sua profunda expressão lírico-dramática, ao ser remanejado perante o singelo efetivo violino/pianoforte, em especial a veemente cena da rivalidade entre Capuletti e Montecchi.

Todos os jovens, integrantes da classe do professor Serguei Rachidovitch Fatkoulín, qualificaram-se por uma afiniação, musicalidade, sonoridade, apuro técnico perfeitos. Iliá Norstein realizou quatro sintéticos Prelúdios de Dimitri Shostakovitch (1906-1975), precedendo a brilhante "polonaise" de Ferdinand Laub (1832-1875), e o 1º movimento da Sonata para violino desacompanhado, de Prokofiev, erigida de enorme complexidade estrutural, superada com imensa galhardia.

O fecho áureo foi a violinista Anna Samuil, para Tchaicovsky (Valsa-Scherzo, Melodia) e novamente Wieniawski, fazendo alongada Fantasia sobre temas da ópera "Faust" de Gounod, permitindo outorgar rédea solta à sua fantástica pirotécnica violinística.

É absolutamente acima de dúvidas que nem todas as temporadas admitem que se desfrute tamanha carga de perfeição interpretativa. Urge retorno!

## Jovens violinistas de Moscou - superlativo recital

José da Veiga Oliveira

profissionais, emigrados da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas Russas. No que respeita à Orquestra Filarmônica de Israel, cerca de 90% de seus integrantes são eslavos. E o Conservatório Tchaicovsky, de Moscou, desfruta de prestígio, mercê da qualidade técnica e artística de seu corpo docente. E tal acontece apesar das sérias dificuldades e atribulações econômicas e políticas. A música sai ilesa e supera percalços, seguindo sua imperturbável carreira.

# Poesia

"Mentira" é a poesia premiada com o 1º lugar no I Ciclo de Poesia Falada de 94, realizada na cidade de Santos (SP). O evento foi uma iniciativa do secretário municipal de Cultura do município, Edmur Mesquita, que vem desenvolvendo excelente trabalho de valorização dos artistas de toda a Baixada Santista. A poesia foi originalmente publicada no boletim cultural "Clips", sob a eficiente coordenação do casal Mônica e Eduardo Caldeira.

## MENTIRA (Helder M. Miranda)

Mentira  
é uma coisa.  
Verdade é outra.  
Maria Luíza mente  
e sente - ela diz que sente  
- O que, demente?  
- Sinto muito,  
sinto a dor quando meu pai bate...  
sinto... sinto...  
- Fale!  
- Sinto raiva,  
sinto-me feliz, sinto-me triste.

- E, que mais?  
- Tenho vergonha.  
- Fale em meu ouvido.  
Nossa! Ela sente...  
- Chi! Cale a boca!  
É mentira!  
Eu minto,  
tu mentes,  
ele mente,  
nós mentimos,  
vós mentis.  
Todo mundo mente!

## OH! MEU AMOR (Raymond V. Hegg)

Ao adormecer, você está sempre nos meus sonhos,  
Bela e cheia de vida irradiando amor,  
A face harmoniosa sorrindo com ardor,  
Os lindos e longos cabelos loiros acariciando os ombros.

A cor azul celeste dos olhos brilhantes,  
O nariz fino, delicado e levemente arrebicado,  
Os róseos lábios dando a impressão de desejarem ser tocados,  
A boca suave apresentando dois colares de pérolas como dentes;

As roliças espáduas e seus belos braços  
Com suas meigas mãos a me acarinhar,  
Os maravilhosos seios que deleitam meu olhar  
Lembrando dois frutos aguardando os meus beijos.

O corpo acolhedor que num amplexo enérgico  
Me apreende com sofreguidão e veemência,  
Levando-me rapidamente à máxima volúpia  
Atingindo assim o frenesi tão benéfico.

Após sua partida por demais inesperada  
Encontrei-me desorientado, e me angustiava  
Por esvair-se o bem estar que você me proporcionava  
Juntamente com sua presença corporea adorada.

Abandonado no frio e não havendo no vazio  
Um ponto de apoio, o espaço sendo imenso.  
Oh! meu amor volte, eu suplico, pois penso  
Que minha ressurreição ocorrerá após tal desvio.

## Vida Cultural

Hernani Donato, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, por ocasião das solenidades do centenário da Entidade, homenageou dois grandes mestres da história de medicina pátria. Dois médicos: Lycurgo de Castro Santos Filho e Duílio Crispim Farina. Na ocasião inaugurou uma Louçateca (louça histórica), que leva o nome do primeiro professor e um Arquivo de Documentos, que leva o nome do outro professor. Os parabéns e as felicitações da Associação Paulista de Medicina.



Para quem gosta de Copa do Mundo e História, a Summus Editorial lançou o livro "A Bola no Ar", de Edileuza Soares. Trata a obra do rádio esportivo em São Paulo, trazendo, por escrito, toda a emoção das transmissões esportivas, desde as primeiras, cristalizando emoções que estão na lembrança, quer dos ouvintes, quer dos radialistas. Vale lembrar que o radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros a se firmar no rádio e ainda continua ocupando grande tempo nas principais emissoras brasileiras.

Segundo a autora, a irradiação pioneira de futebol foi feita em 1931, pelo locutor Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista (primeira emissora de São Paulo, fundada em 1923), durante o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol, entre as seleções de São Paulo e Paraná, no campo da Chácara do Floresta, no bairro da Ponte Grande, em São Paulo.



Na reunião distrital de Araraquara, no mês de junho, foram homenageados com a Placa de Prata da APM os seguintes médicos:

Seth-Hur Cardoso, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, turma de 39, radiologista, fundador, na região, de hospitais, membro do Colégio Brasileiro de Radiologia, muito querido entre os seus pares. O outro homenageado foi o doutor Segundo Amarille Salezzi Fiorani, formado em Ribeirão Preto, turma de 60, urologista, professor de urologia em Ribeirão Preto, em cuja cadeira só têm tido assento os luminares da medicina paulista. O outro homenageado foi o doutor Jayme Vicente de Luca, da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, cuja produtividade e ação na comunidade são incontestes, havendo se especializado em oftalmologia e exercido cargos de grande importância na direção médica da Sociedade Médica de São Carlos. O último homenageado foi o doutor Guilherme Cleber Marconi, formado em Ribeirão Preto, turma de 70, urologista, cujas múltiplas atividades o não conseguiram reter nos limites da profissão, mas transcenderam para a coletividade, na qual é muito respeitado e querido.

G.A.P.